

## “As paredes era que ameaçavam”<sup>1</sup>: espaço e identidade no conto “Faraó e a água do rio”

Profa. Dra. Antonia Marly Moura da Silva<sup>1</sup> (UERN)

### Resumo:

*O propósito deste trabalho é analisar aspectos do espaço e da identidade em “Faraó e a água do rio”, conto de João Guimarães Rosa. O ponto focal é identificar, na arquitetura ficcional, o imaginário circunscrito na lei da ordem familiar, representada na imagem dos fazendeiros da Fazenda Crispins, com suas tachas de cem anos de eternidade - um mundo de identidade marcada pelos espaços partilhados e por traços de um cotidiano organizado – em oposição aos aspectos que regem as regras básicas do viver mundano, itinerante, e clandestino, expresso na figura dos ciganos. Na leitura pretendida, busca-se compreender a relação espaço e personagem, tomando como referência teórica os postulados de Bachelard (1998) sobre os valores atribuídos ao espaço da casa, bem como a perspectiva de Roberto da Matta (1979) sobre os significados ligados à casa e a rua.*

**Palavras-chave:** Faraó e a água do rio”, conto brasileiro, espaço e identidade.

### 1 Introdução

O conto “Faraó e a água do rio”, integrante de *Tutaméia: terceiras estórias* (1967), obra de João Guimarães Rosa, delineia uma galeria de personagens – fazendeiros e ciganos - marcados pela ambiguidade de seus perfis. Por um lado, os fazendeiros são representados com identidades bem definidas, ocupando uma grande casa que, além de geradora de abrigo e propiciadora de conforto, reflete o desenrolar de uma tradição; por outro lado, os ciganos constituem-se como seres praticamente desbiografados, em trânsito constante e, por isso, desenraizados e sem qualquer projeto norteador de suas vidas. A geografia e a história desses sujeitos revelam a relação entre espaço e vida. É no imaginário ligado aos lugares – moradia e rua, espaços públicos e privados, locais abertos e fechados – que circunscribe a relação dos personagens com seus mundos.

Na arquitetura ficcional rosiana, a tônica dramática parece transferir-se para a relação espaço/ambiente, de modo a ocupar lugar privilegiado na estrutura narrativa, configurando-se como um elemento de força que impulsiona o desenvolvimento da trama. As personagens apresentam características físicas e psicológicas marcadas pelo ambiente em que se movem. Em síntese, o narrador pontua a dicotomia entre casa e rua, terra e desterrado, lugar e não-lugar, modos de vida diametralmente opostas de fazendeiros e ciganos, de sinas tão contrárias: os primeiros fadados a conviver até a morte em suas terras, passadas de pai pra filho, de geração para geração, tal como aconteceu com a fazendeira Siantônia; os ciganos, por sua vez, nômades e fugitivos, são aqueles que, por ordem do Faraó, fazem da mobilidade e da incerteza os princípios básicos de seu viver.

Em *A Poética do espaço* (1998), Bachelard concebe o espaço da casa como um “estado de alma”, espaço que “fala de uma intimidade”. Sob a ótica bachelardiana, a casa constitui o sujeito, fixa sua memória e suas raízes, pois “é graças à casa que um grande

---

<sup>1</sup> Este trabalho é um fragmento revisto de minha tese de doutorado, desenvolvida sob a orientação de Nádya Batella Gotlib, defendida em 2001 na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade do Estado de São Paulo.

número de nossas lembranças estão guardadas” (1998, p. 27). Roberto da Matta (1987) por sua vez, em seu livro *A casa e a rua* afirma que a casa é o espaço da família, da ordem e do conforto, em oposição à rua que representa o lugar público da desordem, do perigo e do anonimato.

É, pois, seguindo esta linha de reflexão que nos propomos analisar o conto de João Guimarães Rosa, destacando que os fazendeiros representam a tradição, expressa na metáfora da casa, enquanto que os ciganos emblematizam o espaço aberto e infinito, sujeitos inscritos na sociedade do instante, da insegurança e da adversidade.

## **2 As paredes era que ameaçavam**

O conto “Faraó e a água do rio” sublinha múltiplos perfis de personagens, desvendando valores e desejos ligados a identidade dos seres ficcionais e ao espaço. Introduz, a partir do título, a polaridade e a diferença circunscrita na oposição estaticidade/movimento - aspecto da estrutura narrativa que Simões (s/d) aborda em seu trabalho *Guimarães Rosa: as paragens mágicas* – atributo que norteia a situação dialógica. O desdobramento da primeira imagem, “Faraó”, antecipa, metafórica e metonimicamente, o tema dos ciganos que pontua a estrutura narrativa; a segunda imagem, por sua vez, “a água do rio”, ou a água que corre, sugere as idéias de movimento e transitoriedade contidas na metáfora da água corrente.

Esse conto evoca o antagonismo que opõe a lei da ordem familiar, representada na imagem da Fazenda Crispins, com suas tachas de cem anos de eternidade - um mundo de cotidiano organizado – e a lei que rege as regras básicas do viver mundano, itinerante, e clandestino, emblematizada na figura dos ciganos.

Nome que o vulgo dá a uns homens vagabundos e embusteiros, que se fingem naturais do Egito<sup>2</sup> e brigados a peregrinar pelo mundo, sem assento nem domicílio permanente, como descendentes dos que não quiseram agasalhar o Divino Infante quando a Virgem Santíssima e S. José peregrinavam com ele pelo Egito (MORAES FILHO, 1981, p. 23).

Dentro e fora, calor e frio pontuam a dicotomia entre casa e rua, terra e desterrado, lugar e não-lugar - maneiras de ser diametralmente opostas desses sujeitos, fazendeiros e ciganos, de sinas tão contrárias: os primeiros fadados a conviver até a morte naquelas terras, passadas de pai pra filho, de geração para geração, tal como aconteceu com a fazendeira Siantônia “a derivada de alto nome, posses” (ROSA, 1979, p. 58); os outros, teimosamente nômades e fugitivos, são aqueles que, por ordem do Faraó, fazem da mobilidade e da incerteza os princípios básicos de seu viver. “Sina nossa, dona, é o descanso nenhum, em nenhuma parte [...]. O rei faraó mandou” (ROSA, 1979, p. 58).

Tudo converge para a dicotomia casa/mundo. Trata-se da história da família de Senhozório, marido de Siantônia, aquela que convida dois ciganos para comparecerem à Fazenda Crispins com o intuito de consertar as tachas de açúcar. Embora o convite não se estenda a outros ciganos, Güitchil e Rulu, os ciganos convidados, levam junto todo o grupo

---

<sup>2</sup> Na leitura do conto “o outro ou o outro”, referindo-se à origem do povo cigano, Vera Novis assinala que *embora as mais recentes teorias se refiram à Índia, permanece a crença de origem egípcia. A palavra inglesa gypsy (e anteriormente Egyptian), o grego gyphtoi, o espanhol gitano, o turco Farawni e o húngaro Pharao nepe (significando ‘povo do faraó’) refletem essa crença. Os elementos trabalhados por Guimarães Rosa, nesse conto, ligam-se a essa origem como vimos pela relação peralta/per-a’ a – faraó = casa-grande* (NOVIS, 1989, p. 32) [grifo nosso].

para “abarracar ali em terras” (ROSA, 1979, p. 57). Senhozório, mesmo contra a vontade, acaba aceitando essa gente em sua Fazenda. Mediante vigilância do filho Siozorinho, permite que eles durmam no engenho. Senhozório acolhe os ciganos, provisoriamente, assim se sedentariza essa gleba de nômades.

A estranheza desses indivíduos que pululam de aldeia em aldeia contrasta dos fazendeiros: Senhozório, inicialmente demonstra uma atitude de desconfiança a ponto de por o filho para vigiá-los. “Senhozório tratara-os à espreita, podiam mesmo dormir no engenho; e pôs para vigiá-los o filho, Siozorinho” (ROSA, 1979, p. 57).

Siantônia, por sua vez, que “receava-os menos pela rapina que por estranhezas (ROSA, 1979, p. 57), reprova que se acomodasse o filho a feitorar hereges” (ROSA, 1979, p. 57).

As filhas, curiosas, observam do alto e de longe, atentas aos detalhes:

Sinhalice e Sinhiza, filhas, ainda que do varandão, de alto apreciaram espiar, imaginando-lhes que cor os olhos: o moço sem par no sacudir o andar; o mais velho se abanando vezes com o ramo de flor (ROSA, 1979, p. 57).

Sinhiza porém e Sinhalice ouviram que aqueles enfiavam em cada dedo anéis, e não criavam apego aos lugares, de tanto que conhecem a ligeireza do mundo; as cantigas que sabiam, eram para aumentar a quantidade de amor (ROSA, 1979, p. 57).

É oportuno destacar que é da varanda – espaço de transição entre casa e rua – que as mulheres observam os ciganos. A condição de suspensa, do alto, marca a distância entre fazendeiros e ciganos, os de baixo, ao mesmo tempo em que pode confundir o imaginário que separa esses pólos – casa e rua, alto e baixo

Pouco a pouco, os ciganos mergulham no espaço da fazenda para espalhar nela o despojamento e a alegria, contagiando as pessoas e inserindo-se, astuciosamente, na ordem daquele lugar de identidade que passa a ser com eles partilhada.

Florflor é o segundo sujeito que desperta o interesse das filhas do fazendeiro:

Sinhalice e Sinhiza pois souberam que Florflor ao entardecer no Riachão se banhava. Outra feita, ria-se, riam, de estrépidas respostas: - Cigano non lava non, ganjón, para non perder o cheiro. (ROSA, 1979, p. 58).

O prazer do corpo materializado na imagem do banho, em espaço aberto, e o clima de intimidade da cena, são também manifestações da malandragem que caracteriza essa gente misteriosa e errante. O cigano é o sujeito que não cabe dentro da ordem, pois a mentira, a trapaça e o roubo são garantias nesse culto à vagabundagem. De forma astuciosa, eles criam vínculos diferenciados e sutis, acabam ficando mais tempo do que o acertado com Senhozório e vão tomando conta do lugar. Depois que os primeiros convidados do fazendeiro chegam à Fazenda, vem depois, sorrateiramente, o cigano Florflor, o companheiro que, segundo os colegas, é o perito em serpentinas e indispensável para arranjar o alambique; em seguida, depois de já alojados no local, eles reconhecem a necessidade da presença das mulheres, Constantina, Demétria e Aníssia, “as das drogas”, ciganas que, segundo eles, poderiam pedir pela saúde da fazendeira doente, Siantônia. Das três, Aníssia é a que mais se destaca do grupo, “Era também palmista” (ROSA, 1979, p. 59) e, por essa razão, logo conquista Sinhiza e Sinhalice com a leitura das mãos. Siantônia, que a princípio determina que o filho mantenha-se distante desses trapaceiros, também

passa a desejar essa gente por perto. Essa cigana, imagem especular da sedução, atrai também os olhares do filho do fazendeiro: “Siozorinho nela dera com olhos que fácil não se retiravam” (ROSA, 1979, p. 59).

Dessa maneira, entre a clandestinidade e o atrevimento, e em busca de conforto, os ciganos projetam-se na vida organizada dos fazendeiros. Acampam no engenho – lugar de refúgio temporário – tomam banho no Riachão e visitam a Virgem na capela da Fazenda.

O espaço doméstico no conto não se restringe apenas a função de abrigo, como um ninho, como bem lembra Bachelard ao descrever os atributos da casa, é também um espaço vital concebido para propiciar a realização de outras funções, pois incorpora o espaço religioso familiar em torno do altar.

Revertendo o sentido comum de viver, privilegiando o mundo em oposição à casa, os ciganos, de ética e códigos diferentes do homem comum, nômades, astutos e trapaceiros, mudam de lugar para tornar-se novas pessoas, apreciam a desordem da rua e põem em cena um sistema de valores em que o espaço e a noção de temporalidade ganham outro relevo. Na rua, eles podem ser ousados e livres, pois, no dizer de Roberto da Matta, “a regra básica do universo da rua é o engano, a decepção e a malandragem, essa arte brasileira de usar o ambíguo como instrumento de vida,” (1979, p. 70). Nessa perspectiva, o cigano inventa uma vida, constrói-se a si mesmo. Assim, na narrativa, essa gleba de malandros está para a rua, para a liberdade e para o descontrole, do mesmo modo que os fazendeiros estão para o conforto da casa, para a ordem e para o controle.

Nesse sentido, retomando nosso enfoque sobre a dicotomia entre ciganos/rua e fazendeiros/casa, pensamos completar nosso raciocínio com a afirmação de Matta sobre o problema. Segundo o autor:

a categoria rua indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que casa remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos devidos lugares. Por outro lado, a rua implica movimento, novidade, ação, ao passo que a casa subentende harmonia e calma: local de calor (como revela a palavra de origem latina *lar*, utilizada em português para casa e afeto) (1979, p. 70).

Em “Faraó e água do rio”, o papel do cigano é estabelecer um equilíbrio entre a lei da casa e a lei do mundo, o fixo e o temporário, a prisão e a liberdade, a sisudez e a descontração. Esse viajante que não segue um itinerário delimitado – a estrada é seu mundo, lá podem intervir o acaso e o imprevisto – é o oposto do fazendeiro, sujeito ligado às terras, de morada fixa e vida controlada.

No conto elementos formais e temáticos apontam para o jogo de inversões e de contrastes que baliza a narrativa: a alegria que individualiza os ciganos em relação aos fazendeiros encontra-se expressa no colorido das roupas, nas atitudes de descontração, na imagem do exagero nos adereços e nos costumes. O modo descontraído dessas criaturas é sugerido também mesmo na maneira como se acomodam para viajar:

À frente, montadas de banda, as ciganas Demétria e Constantina. Rulu, barba em duas pontas. Güitchil o com topete. Aníssia, de escanchadas pernas, descalça, como um deleite e alvor. Recordavam motes: - Vós e as flores... – em impo, finaldo entoou Floflor, o Sonhado Moço (ROSA, 1979, p. 59).

Acrescente-se a isso a apreciação da dança e da música, e com despojamento, manifestado, por exemplo, na imagem da cigana Aníssia que anda descalça. Os fazendeiros

são os adeptos da delimitação, portanto, ameaçados pelas paredes, como descreve o narrador: “As paredes era que ameaçavam” (ROSA, 1979, p. 59). Presos a um espaço e a um tempo, imobilizam-se dentro da história de cada um.

Siantônia é a matriarca de uma família e de uma linhagem, a figura do poder, que controla a casa e a todos que nela vivem, inclusive o marido – “o escravo sem senhor” (ROSA, 1979, p. 58), como define o narrador. Sofrendo de hidropisias – “para o fôlego cada dia menos ar, em amplo a barriga de sapa” (ROSA, 1979, p. 58), com problemas respiratórios, representa, portanto, a vida fechada dos fazendeiros, que, cercados em suas terras, são impedidos de respirar o ar que circula por outros campos. Os ciganos, por sua vez, livres, dormem em barracas ao relento, o veículo para a aventura, têm ao seu dispor o ar e o mundo, em oposição à casa. Aníssia, a cigana *pássara*, assim descrita pelo narrador, é a metáfora da liberdade e do movimento, “o ar livre personificado”, como coloca Bachelard ao referir-se à simbologia do pássaro (1990, p. 78).

No conto, os nomes dos personagens apontam para o princípio da inversão que norteia a situação dialógica. A partir da aproximação gráfica e Da sonoridade dos nomes dos fazendeiros e seus filhos, constrói-se a idéia de que lá todos são iguais e, sobretudo, que todos devem se empenhar, sincronizadamente, em dar continuidade À história de família e ao destino da forte ligação com a terra marcada pela fatalidade da herança. “Aqui todos juntos estamos”. (ROSA, 1979, p. 59) - é o que Siantônia insiste em afirmar aos familiares.

Emparelhando os nomes dos dois grupos de personagens – fazendeiros e ciganos - é possível visualizar a semelhança/ dessemelhança desses personagens de “Faraó e a água do rio”, marcados pelas diferenças de comportamento e de destinos, como podemos ver no cotejo abaixo:

<b>FAZENDEIROS</b>	<b>CIGANOS</b>
Senhozório	Güitchil
Siozorinho	Rulu
Siântonia	Florflor
Sinhalice	Constantina
Sinhiza	Demétria
	Aníssia

A família de Senhozório contém em comum o som sibilante do “S” e a musicalidade expressa pelo sinal gráfico “nh”. Na materialização do nome, a matriarca da família de fazendeiros carrega em si uma diferença para ampliar sua singularidade no grupo: ao invés do som nasal articulado pela unidade sonora referida, o que se destaca é a repetição do “n” no interior do Nome, substituindo o dígrafo de som nasalizado.

A formação dos nomes Siantônia, Sinhalice e Sinhiza segue o mesmo tratamento dedicado às personagens masculinas: união da forma de tratamento Sinhá - muito comum entre os escravos quando se referiam aos seus senhores – e o nome de batismo:

**SINHÁ + ANTONIA**  
**ALICE**  
**IZA**

No que se refere ao nome de Siantônia, é possível interpretá-lo à luz do latim *Antistes* – verbete Antonio - “chefe”, “o principal” (GUÉRIOS, 1981, p. 59). Pela forma como visualizam-se as relações entre Siantônia e seus familiares, Siântonia e os ciganos, é válido afirmar que a personagem configura-se como a detentora do poder da casa e dos que ali vivem, inclusive do marido.

Sinhalice ou apenas Alice é provavelmente a mais velha das duas irmãs, enquanto Sinhiza ou Iza - possivelmente corruptela de Ilza, do germânico Ilsa, significando “ninha, ondina” seria, dizendo de outra forma, a mais jovem filha do fazendeiro.

O nome Senhozório parece derivar da união de duas formas: o tratamento “Senhor”, justaposto ao nome Osório, de origem e significado controverso, possivelmente derivado do basco *oso* significando íntegro, ileso, são (GUÉRIOS, 1981, p. 192).

Siozorinho, também união das formas Senhor, no diminutivo, e Ozório – ou Siozorinho + Ozório – inclui, pois, a repetição do nome do pai, cujos atributos inerentes a esse antecessor despertam a expectativa de continuidade da espécie. A forma diminutiva, além de denotar carinho serve, sobretudo, para destacar um dos detalhes que o diferencia do pai, a idade.

O nome do cigano Florflor, por sua vez, uma formação por redobro, amplia o efeito de sentido da palavra flor, comumente signo de beleza e de juventude ligado à fragilidade feminina. Hipocorístico possivelmente ligado a Floripes, germânico, que significa “alegre, divertido”, ou ainda a Florêncio – do latim: “que trabalha com flores, florescentes, que cuida das flores”; ou a Florestan - do italiano: “da floresta, da selva” (ANDRADE, 1994, p. 59). O termo aparece aqui evocando a presença viva da natureza no modo de viver do cigano, questão já sugerida na imagem do banho ao relento, no Riachão, e na insistência em sua ligação com a água: “finaldo entoou Floflor, o Sonhado Moço. Vinha de um romance, qual que se suicidado por paixão, pulando no rio, correntezas e rodavam à cachoeira.” (ROSA, 1979, p. 59). A palavra aponta, sobretudo, a transitoriedade dessa gente que concebe o tempo sem qualquer atmosfera de expectativa diante de sua passagem e de sua mudança: o que prevalece é o espírito jovem e o despojamento de quem se entrega sem medo ao presente sem lamentar o dia que se foi.

Assim, tomando como base a transferência de sentido expressa pelo sistema onomástico do conto, podemos dizer que não resta dúvida de que as ligações de família e a relação dos fazendeiros e ciganos com a terra, situação central da estória narrada, apresentam-se como uma fatalidade da história e do destino de cada um. Siântônia, figura quase mítica, é o foco das ações cotidianas, e junto com os demais membros da família, vivencia um conflito com a herança deixada pelos antepassados, a Fazenda Crispins. Na qualidade de herdeira, a mulher é pressionada pela fatalidade de quem administra um patrimônio de família que atravessa gerações e pelo dever de mantê-lo para passá-lo aos próximos descendentes, independente do atual estado crítico das finanças, apontado pelo narrador: “se bem crendo poupar dinheiro no remendo das tachas, só recomendou aperto” (ROSA, 1979, p. 57).

## Referências Bibliográficas

- 1] ANDRADE, J. **O étimo dos nomes próprios**. São Paulo: Thirê, 1994.
- 2] BACHELARD, G. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. Trad. Antonio de Pádua Donesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- 3] \_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Donesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- 4] GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário de Nomes**. São Paulo: Arte Maria, 1981.

- 5] MATTA, R. da. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- 6] MORAES FILHO, M. **Os ciganos no Brasil e cancionero dos ciganos**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo EDUSP, 1981.
- 7] NOVIS, V. **Tutaméia**: engenho e arte. São Paulo: Perspectiva, 1989. (Debates, 223).
- 8] ROSA, J. G. **Tutaméia**: terceiras Estórias. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.
- 9] SIMÕES, I. G. **Guimarães Rosa**: as paragens mágicas. São Paulo: Perspectiva, s/d.

---

<sup>i</sup> **Profa. Dra. Antonia Marly Moura da Silva**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Departamento de Letras Vernáculas – UERN/Mossoró – RN, Brasil

marlymouras@uol.com.br